ISSN 2238-0272

O que eu descobri sobre o íntimo até agora

Renata Malheiros Carvalho

RESUMO: O texto a seguir aborda o desenvolvimento de um trabalho poético e apresenta seus desdobramentos, os efetivados e aqueles ainda em andamento. Este trabalho tem como centro de seu interesse a intimidade, que é um termo amplo por si só e tem grande variedade de tipos e intensidades de acordo com seu contexto (cultural/social/temporal) e com a vivência individual. Para realizar as obras, combinei minhas próprias experiências a experimentos específicos aos quais me propus, anotando e fotografando tudo aquilo que me parecia relevante. Deste diário de bordo, extraí os trabalhos, onde questiono qual o local da intimidade, a veracidade de seus clichês e em quantos contextos distintos esses mesmos clichês cabem.

Palavras-chave: Intimidade. Fotografia. Narrativa. Autobiográfico. Processo de criação.

ABSTRACT: The following text addresses the development of a poetic work and presents its branchings, the pursued ones and those still in progress. This work has as its main interest the intimacy, a subject with great ampleness on the term itself, and that has a great variety of kinds and intensities according to its context (cultural/social/temporal) and to the individual background. To execute the works, I combined my very own experiences as frames of reference with specific experiments I had proposed myself, taking notes and photos of everything I found relevant. From this logbook, I pulled the works where I question what is intimacy's place, the veracity in its clichés and in how many distinct contexts do these same clichés fit.

Keywords: Intimacy. Photography. Narrative. Autobiographical. Creative process.

Introdução

Todo trabalho de arte, creio eu, orbita o íntimo. Ao menos em algum aspecto, a intimidade está ali. Não é necessário que seja uma obra autobiográfica, expressiva, emotiva; os trabalhos classificados como "frios", o deadpan: todos eles estão inclusos nisto. Pelo simples fato de haver uma ideia compartilhada, uma leitura, um devaneio; intimidade é (também) comunicação. É o que eu deixo acessar o outro. Ao mesmo tempo em que é bastante local, é universal. Cada cultura e época a conceberá à sua própria maneira, de acordo com toda a estruturação social do contexto. Isto se relaciona com os tabus vigentes no grupo em questão, com a construção do pudor e as noções de moral. Mais local ainda, a vivência de cada indivíduo definirá seus limites e extensões. Mas é universal enquanto presente em qualquer cultura, de qualquer lugar.

Este assunto - percebi recentemente - me interessa há tempos. Em 2012, produzi toscamente uma série de desenhos tendo a intimidade como tema. Havia representações de absorventes usados, moças se depilando no mesmo recinto, uma mulher escovando os dentes enquanto seu parceiro satisfaz suas necessidades fisiológicas no vaso sanitário lendo jornal. De lá para cá, iniciei diversos pequenos trabalhos que tocavam, em algum ponto, o íntimo, mas apenas agora voltei a focar nele, desta vez como centro de minha investigação.

Meu interesse é sobre a diversidade de seus desdobramentos em meu próprio cotidiano e nos cotidianos que me tocam. Intimidade familiar, emocional, sexual, intelectual; como se expressam e se influenciam? Quais são necessidades e quais são imposições? Não creio ter respostas ainda, mas são questões que servem de força motriz para a continuidade do trabalho, o que me é mais interessante.

Desde os últimos anos do ensino fundamental tenho o hábito de colecionar ca-

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

derninhos, chegando a usar até três ou quatro ao mesmo tempo. Desde que voltei a focar na intimidade como centro de meu interesse, passei a anotar em um destes tudo aquilo que, para mim, se encaixava no assunto de alguma forma. Reflexões, comentários alheios, anotações de experiências às quais me propus, fotografias, desenhos, prosa, poesia: toda uma variedade de formas como esse assunto chegava a mim ia para o caderno. Deste diário de bordo, extraí os trabalhos e as reflexões que serão compartilhadas, em alguma medida, por aqui.

Gija Poncã

Os trabalhos desenvolvidos nessa investigação são assinados não por Renata Malheiros, mas por Gija Poncã. Esse pseudônimo surgiu num momento em que vi a necessidade de projetar-me em outra persona para poder fazer o que eu quero, seja em minha produção artística, seja no cotidiano do qual ela surge, pois em contato com uma pequena parte dessas instâncias da minha vida, a reação do meu núcleo familiar foi não só negativa como, em algumas partes, agressiva.

Eu compreendo a diferença de contextos de onde viemos, apesar de partilharmos de um contexto comum. Compreendo que em parte há boas intenções, como um desejo de me proteger. Em outra parte, talvez vergonha. Mas também entendo que não é necessário que eu deixe o que eu desejo de lado para que a manutenção destes laços sanguíneos continue acontecendo. Gija sou eu, ou minha parte que é livre para fazer qualquer coisa sem semear conflitos. A parte que não tem pai nem mãe. É, talvez, nascida da covardia. Mas não acredito que isso configure um problema.

O nome Gija Poncã surgiu, entretanto, de memórias de família. "Gija" era como eu e minha irmã chamávamos a minha avó materna, de nome Nídia, pois era como conseguíamos pronunciar quando pequenas. Poncã é fruta que me remete muito à minha cidade natal (Campo Grande, MS), pois seu cheiro era parte do quintal e da cozinha de minha avó. Apesar de sentir carinho por essas lembranças, admito que quase não sinto nostalgia alguma. Não possuo o apego que em geral demandam que se tenha pela família.

Mas aprecio a ironia de escapar da vista dos familiares utilizando um nome que veio de dentro deste ambiente.

Do que eu já tinha

Um de meus referenciais foi, acredito que inevitavelmente, o meu relacionamento mais recente, que acabou há cerca de 1 ano. Foi um longo namoro, com um amigo de longa data. A transição da adolescência para o que eu ainda não me atrevo a chamar de início da vida adulta foi transpassada por esta partilha, portanto boa parte do meu referencial do que pertence à intimidade de um casal (não só no âmbito sexual) foi desenhado por esta relação. Ouso dizer que não só nos sentíamos à vontade para fazer qualquer coisa um na presença do outro, sem pudor, como também buscávamos explorar essa possibilidade.

Havia, então, um espaço privilegiado para a investigação daquilo que não poderia ser explorado noutro lugar, por qualquer inadequação que fosse. O patético, o escatológico e o obsceno são relegados ao espaço privado, e no nosso eles eram explorados, sem fim algum.

Mesmo assim, alguma instância do que concerne a esta intimidade específica ainda era permeada de inseguranças típicas de um primeiro (ou talvez de qualquer) relacionamento.

Em tempos de buscar compreender outras intimidades, o namoro findou. Todo o tempo de crise influenciou em meu entendimento sobre o assunto de minha investigação. Questionei-me e ainda questiono os vínculos entre intimidade sexual e emocional. Eram, afinal, instâncias interdependentes ou não? Esta experiência muito influenciou

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

no meu retorno a este assunto. Sempre tivemos o hábito de fotografar nossos momentos íntimos – ele era um modelo despudorado, criativo e muito disposto a participar de meus trabalhos. Nestas imagens, o cotidiano sexual e o que julgo ser algo além da aura sexual se dão em composições delicadas. Mas eu sei, e a fotografia não conta, que fazem parte de um momento maior, que é de crise e instabilidade emocional. Com seis das várias fotografias deste período, monto um políptico sobre o afundar, literal e figurativamente, onde as imagens oscilam entre o conforto e a claustrofobia.

Últimos dias. Gija Poncã. 2016.

Do que eu busquei

Neste acervo fotográfico afetivo, notei um lugar comum ao meu namoro e aos meus relacionamentos casuais (focados, à época, em sexo). Um momento de entrega e vulnerabilidade logo após a relação sexual que muito me interessa. Quis buscar esta

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

mesma situação em outros contextos, estes de pouco ou nenhum vínculo afetivo. Imagens análogas: as pernas relaxadas, o corpo solto, a ereção deixando, aos poucos, o pênis envolto em camisinha e sêmen; já os contextos, bastante destoantes no campo emocional-afetivo.

Através de uma das diversas soluções - adventos tecnológicos, eu diria - para quem busca encontros casuais, o Tinder, busquei pessoas que pudessem render a fotografia deste instante específico. É de uma praticidade muito grande poder deixar claro que seus interesses são meramente sexuais sem precisar passar pelos protocolos sociais do sexo.

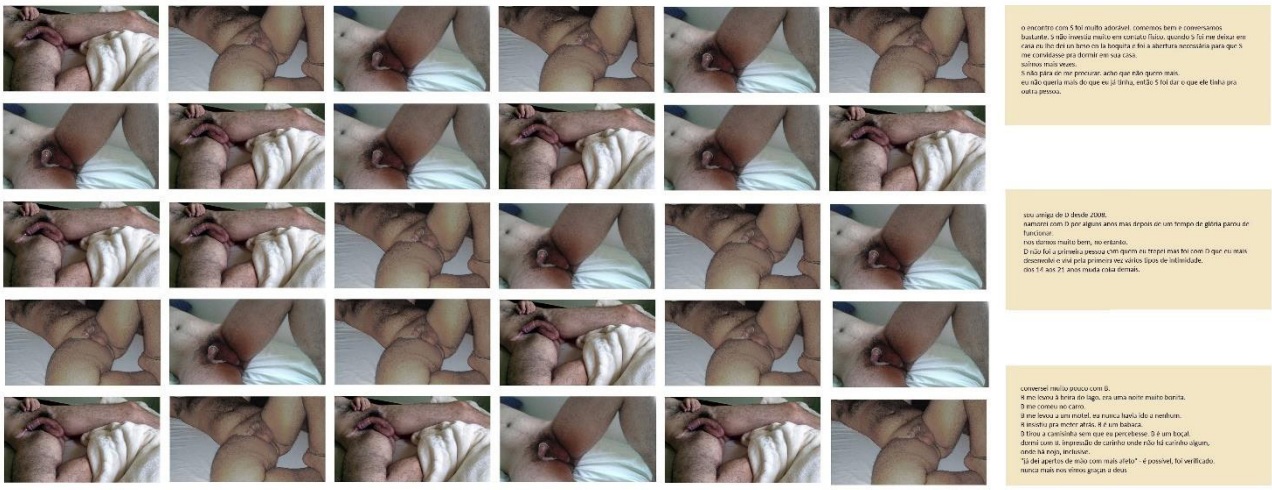
Desta forma, obtive duas fotografias, frutos de situações bastante distintas. Em uma delas, expus de antemão que não buscava nada além de sexo. O rapaz, desde o momento em que nos encontramos, pareceu muito à vontade em tocar o meu corpo e me levar direto a um local aonde pudéssemos transar. Quando ele abria a boca para falar, entretanto, era sempre infeliz. Tive que abstrair, na medida do possível, vários tipos de comentários desagradáveis - seja pelo teor preconceituoso que carregavam ou simplesmente por serem terrivelmente enfadonhos - para ter acesso ao momento que queria fotografar. Mesmo no ato sexual, em muitos momentos ele parecia me desconsiderar enquanto indivíduo em prol de seu próprio prazer. Mesmo assim – ainda não compreendo bem o porquê - me satisfez, em algum nível, dormir com esta pessoa. Um nível bastante superficial, que só diz respeito a um instante. Um entrelace de corpos que remete a carinho numa situação de carinho nenhum; já cumprimentei estranhos com mais afeto.

No dia seguinte nos despedimos e espero nunca mais vê-lo. No outro encontro, ao contrário do primeiro, não explicitei meu interesse central; queria desenvolver algo diferente, através de outra abordagem. Desta vez, houve muito mais diálogo. Conversamos sobre nossos gostos pessoais (como é de praxe, nessas conversas iniciais), sobre planos, sobre família; conversamos madrugada adentro, mas, apesar de algumas tentativas de aproximação física de minha parte, que talvez tenham sido demasiadamente sutis, ele não investia muito no toque. Ao fim do encontro, ele me levou à casa de um amigo, onde eu dormiria. Na despedida, o beijei. Ele me convidou para dormir em sua casa. Ao meu ver, houve neste caso duas diferenças cruciais em relação ao primeiro: primeiramente, o rapaz não era detestável. Segundamente, houve, antes do sexo, uma significativa troca de intimidades não sexuais. Mas ambos ficaram muito mais à vontade no momento em que explicitei, de alguma forma, os interesses sexuais. Continuei saindo com o segundo rapaz por algum tempo.

Apresento estas três fotografias juntas: um amante e grande amigo; uma pessoa odiosa com quem tive um envolvimento exclusivamente sexual; alguém que se tornou um amigo após um primeiro momento de interesse meramente casual. Nelas, o mesmo recorte – barriga, pélvis e pernas – em composições semelhantes. Apresento ainda, junto a elas, seus relatos, mas não indico qual escrito pertence a qual imagem. Será que transparece, na foto, a esterilidade do motel, a presença de intimidade emocional, a falta dela? Exploro, portanto, como contextos tão distintos caem neste mesmo cenário, e me utilizo da homogeneidade do grupo de imagens e do contraste das narrativas para enfatizar este ponto. Abaixo, segue a montagem digital do políptico.

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272



Lugar comum. Demonstração digital de montagem. Gija Poncã. 2016.

A seguir, cada um dos textos que compõem a obra.

> "o encontro com S foi muito adorável. comemos bem, conversamos bastante. S não investia muito em contato físico. quando S foi me deixar em casa, às duas da manhã, eu lhe dei un beso en la boquita. era a abertura que S precisava para me chamar para dormir em sua casa. saímos mais vezes. S me procura demais. acho que fiquei fria. eu não queria mais do que eu já tinha então S foi dar o que ele tinha para outra pessoa"

> "quase não conversei com B. B me levou à beira do lago. a noite estava muito bonita. B falava muita bosta. B trepou comigo no carro depois me levou pro motel para me comer de novo. eu nunca tinha ido a um motel. B insistiu pra meter atrás. B é um babaca. B tirou a camisinha sem que eu percebesse. B é um boçal. dormi com B. impressão de carinho onde há carinho nenhum. onde só há nojo.

> "já dei apertos de mão com mais afeto" – é possível, foi verificado. nunca mais nos vimos graças a deus"

> "sou amiga de F desde 2008 (eu acho) namorei F por alguns desses anos mas depois de um tempo de glória parou de funcionar. nos damos muito bem, no entanto. F é um grande amigo. F não foi a primeira pessoa com quem eu trepei mas foi com F que eu desenvolvi e vivi pela primeira vez vários tipos e níveis de intimidade. amizade + sexo bom parece a fórmula perfeita mas eis que não é tão simples assim"

Do que apareceu no caminho

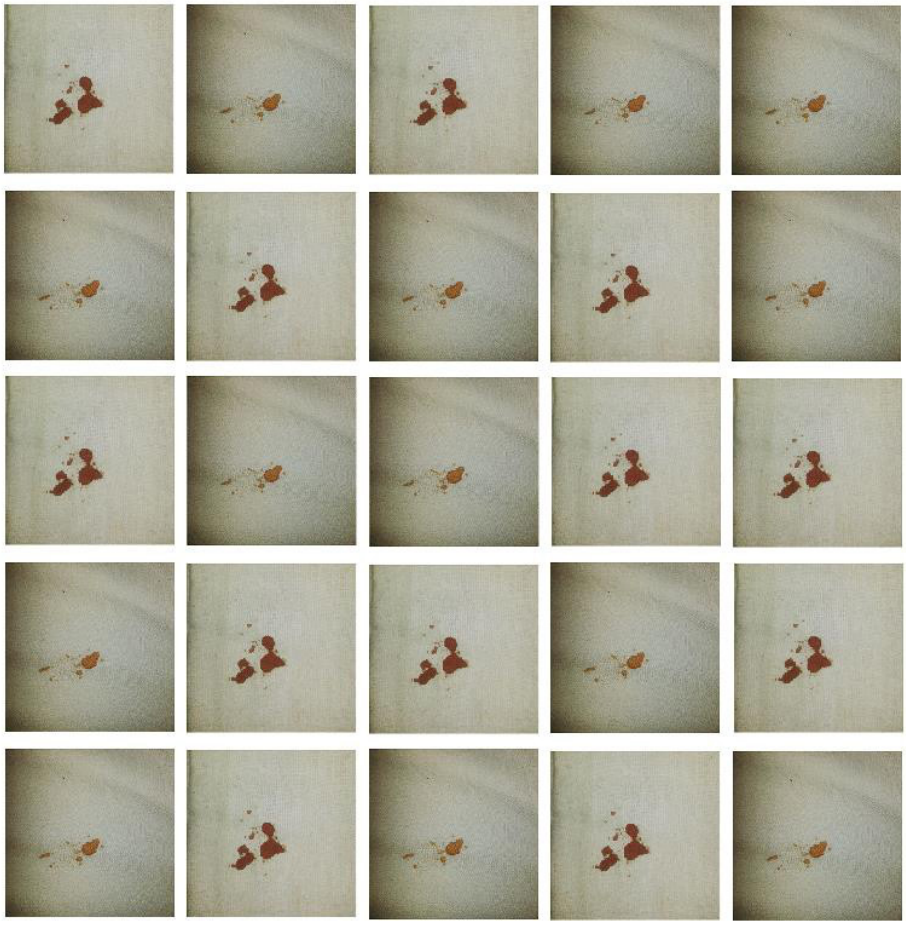
Ao longo deste percurso de penetrar privanças estranhas, experiências que eu não premeditei acabaram tornando-se matéria prima para mais trabalhos. Tendo a fotografia como companheira neste processo, obtive outra dupla de imagens análogas. A primeira surgiu de uma desagradável situação, na qual a indiferença do outro para com o meu bem-estar físico foi suficiente para que ao fim do ato sexual houvesse sangue sobre o lençol, o qual não gerou preocupação alguma em quem o arrancou. Enquanto ele ia ao banheiro, fotografei a manchinha. Semanas mais tarde surgiria uma imagem irmã.

Esta outra foi fruto de um momento em que eu havia, novamente, acabado de transar – desta vez com uma pessoa bastante carinhosa e cuidadosa – e me deitava confortavelmente na cama com este parceiro em questão. Pingou sangue no lençol no-

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

vamente, não por um machucado como antes: era apenas minha menstruação. Minha vergonha durou pouco e não houve demonstração de nojo alguma, o que infelizmente não é tão comum assim. Nas duas, há sangue sobre o lençol branco, e eu te conto brevemente as duas histórias. Mas novamente você não pode dizer qual relato é sobre qual imagem. Pode apenas palpitar.



eu estava menstruada e entre uma foda e outra acabei manchando o lençol.
na hora fiquei com vergonha mas depois passou e fiquei de boa, bem à vontade.
trocamos o lençol e fomos tomar café da manhã.

saí com um cara que se revelava um grande cretino idiota a cada frase solta. no sexo não foi diferente.
sua rola mediana conseguiu me rancar sangue. ele apontou dizendo "ranquei sangue de você, novinha".
parecia orgulhoso.

Sangue saído, sangue rancado. Demonstração digital de montagem. Gija Poncã. 2016. A seguir, cada um dos textos contidos na obra.

> "eu estrava menstruada e entre uma foda e outra acabei manchando o lençol. na hora fiquei com vergonha mas logo passou e eu fiquei de boa, bem à vontade. trocamos o lençol e fomos tomar café da manhã"

> "saí com esse carinha que se revelava um grande cretino babaca a cada frase que soltava. no sexo não foi diferente. sua rola mediana conseguiu me rancar sangue. ele apontou dizendo 'ranquei sangue de você, novinha'. parecia orgulhoso"

Qual cultura deu suporte à naturalidade com a qual um homem me machucou, sem preocupação e com orgulho, a ponto de me mostrar a mancha de sangue tal qual um troféu? De certo a mesma cultura que me fez ficar surpresa com a forma como o outro rapaz lidou com meu sangue menstrual. De onde o nojo vem e de onde se espera que ele venha? Vem de lugares diferentes e as relações de poder dos indivíduos são fatores decisivos sobre ele. O sangue saudável da minha menstruação, em geral, é recebido com ojeriza. O sangue que sai de um machucado provocado por um homem sai como uma medalha, prêmio da virilidade, prova de um falo respeitável. Neste caso, houve ojeriza apenas minha, pelo macho em questão.

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

O rapaz do "sangue rancado" me rendeu ainda outra desventura, esta com continuação para além do quarto de motel, quando tirou o preservativo durante o sexo sem que eu percebesse. Quando notei era tarde, ele já havia ejaculado e eu havia sido exposta, portanto, a uma situação de risco. Naquela posição demasiadamente vulnerável, num motel afastado do centro da cidade, dependendo da carona de quem eu queria fugir, assumindo culpa e constrangimento, não consegui brigar nem questionar. Agi da forma mais natural possível até que ele me deixasse perto da casa de um amigo meu.

Nunca mais o vi. Depois disso, foram dias indo ao hospital para fazer exames e tomar medicações. Eu não contaria com a sorte. Tomei o tal coquetel preventivo para HIV, ou PEP, por 28 dias.

Enquanto eu ia ao hospital, ele provavelmente ia ao trabalho, ou passeava com o cachorro.

Passei 28 dias amarela e tendo enjoos (efeitos colaterais da medicação). 28 dias de perguntas sobre o meu aspecto. Às vezes, quando a resposta era o que de fato havia acontecido, ouvia algum "você não pode deixar essas coisas acontecerem" ou "e você ficou quieta?". Apesar de haver internalizado estas culpas por um tempo, hoje vejo que nada disso fazia sentido, mas sei que enquanto alguém lê isso, é possível que surja algum pensamento semelhante a estes. E isso é fruto dessa mesma cultura, machista e misógina, de naturalizar estas agressões a um ponto em que a responsabilidade cai sobre a mulher agredida – afinal, você sabia que isso poderia acontecer. Por que não evitou?

Reuni então diversos elementos que estavam presentes nesta situação de alguma forma. Do que fazia parte do dia do encontro, do contexto que naturalizou a agressão e das consequências que sucederam. Levo-os organizadamente na parede, em colunas. Na primeira coluna, o vestido que usei. Na segunda, três latas de Skol Beats que ele comprou para tentar me ver bêbada e dois chocolates comprados na loja de conveniência onde compramos as camisinhas. Na terceira coluna, a camisinha aberta e não utilizada até o fim; duas formas circulares de mesmo tamanho lado a lado: um espelho e um tecido branco manchado de sangue, referenciando a cama do motel, redonda e com espelho no teto; e um vídeo pornô chamado "Taking of condom in between to fuck more nicely" (traduzindo: "Tirando a camisinha no meio pra foder mais agradavelmente"), que dá nome a esta instalação. Na quarta coluna, os frascos dos remédios que tomei, cada um com seu respectivo comprimido ao lado. Na quinta e última coluna, perto do chão, uma fotografia minha, 3x4, pintada de amarelo. Perto de cada um desses elementos, breves anotações manuscritas a lápis, do que eu pensei e do que me foi dito, em escala de caderno.

Trânsitos entre público e privado

O diário que esta investigação me rendeu é talvez meu objeto que me é mais caro. De tempos em tempos, volto a consulta-lo, deparando-me ora com novas resoluções, ora com grandes mudanças, ora com coisas que permanecem em mim. Pensei muitas vezes em formas de apresentar diretamente ao público este item precioso, parte integrante e companhia ao longo desta produção, mas nenhuma forma de fazê-lo me pareceu eficaz até o momento. Pensei então no deslocamento de textos deste local miúdo, que só se abre para quem o manuseia, para a parede. O que é livro, fechado, intimista, ganha a escala do público, mas ainda carrega no conteúdo o dado da intimidade.

Um dos exercícios que fiz para o caderno foi o de perguntar a diversos amigos quais eram as coisas que eles não conseguiam fazer na frente dos outros ou simplesmente preferiam fazer a sós. É interessante observar os motivos que levam a esse desejo por privacidade, por um espaço individual de ser e agir. A vergonha, por exemplo, que possui uma força gigantesca no comportamento humano, sendo um fator decisivo recorrente em mil e uma atitudes que tomamos ao longo da vida. É sobre este medo de ser ridículo, este desconforto em acreditar ser ridículo. Há também o medo da reta-

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

liação alheia, a necessidade de fazer algo sem ser importunado. Outro motivo impositivamente decisivo é a moral vigente na cultura à qual o indivíduo pertence. Há lugares onde mulheres podem circular com os seios à mostra livremente. Onde eu vivo, os seios femininos habitam o local da intimidade.

Pensando ainda neste deslocamento de algo que é do espaço íntimo para o espaço público, explorei a cama como um local universalmente íntimo, não necessariamente relacionando ao sexo. O ato de dormir perto de alguém demanda confiança, tanto pela vulnerabilidade à qual se submete quanto pelas traições que a vaidade pode sofrer. Quando François Soulages (1998) nos diz que tudo e todos encenam, até quando estão sozinhos, ouso dizer que o momento do sono talvez seja o único em que nós não encenamos, pelo simples fato de não ser viável. Surge desta reflexão uma sequência fotográfica de pessoas dormindo, projetada no teto. Sob ela uma cama, à qual convido quem se aproxima a deitar, para que melhor visualize as fotografias, sugerindo uma pequena simulação deste espaço íntimo e retirando o observador desta posição geralmente tão asséptica.

Encontrando relações – artistas da intimidade

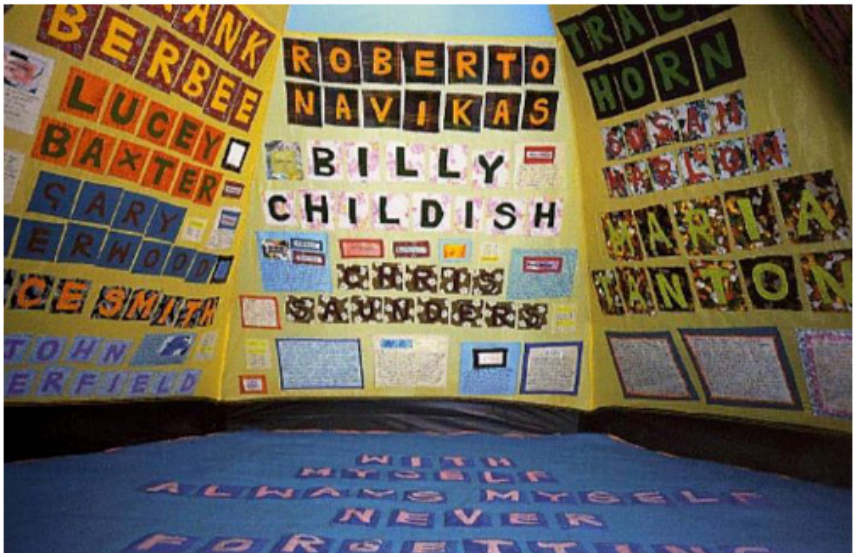
A fotógrafa norte-americana Nan Goldin foi a primeira a chamar minha atenção para a potência poética da fotografia de intimidade. Seu trabalho me fascinou e me entusiasmou, visto que o tema é algo que eu há muito tempo já explorava com a câmera. Conforme fui tomando conhecimento da obra de outros artistas, tais como os norte-americanos Larry Clark, Larry Sultan e o extinto coletivo brasileiro Cia de Foto, me interessou a amplitude do tema, tamanha é sua quantidade de ramificações e abordagens. Tanto Larry Clark quanto Nan Goldin lidam com o cotidiano de grupos sociais pertencentes a um cenário underground. Goldin no contexto LGBT de Nova Iorque nas décadas de 70 e 80, no circuito de drag queens, na descoberta do HIV, e Clark no registro em primeira mão da juventude transviada à qual pertencia, apresentando um retrato honesto e desconstruindo as idealizações feitas acerca da juventude. Sultan expõe as intimidades da família, tendo seus pais como personagens centrais de seu livro e exposição "Pictures From Home" (1992), com fotografias tiradas ao longo de 10 anos. O coletivo Cia de Foto apresenta diversos registros cotidianos, de refeições em família a sexo, onde o tratamento de luz e cor muito contribui no caráter intimista da imagem.

Reading in bed. Em: Pictures From Home. Larry Sultan. 1988.

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

Retornando à questão de dormir junto, não pude deixar de pensar no trabalho de Tracey Emin "Everyone I have ever slept with" (1963-1995), onde ela reúne os nomes de todos aqueles com quem ela já dormiu em uma barraca, propondo um espaço privado no ambiente expositivo para compartilhar quem já dividiu a privacidade do sono com ela. O dormir, aqui, também não vem carregado do significado sexual, mas puramente do sentido de habitar o mesmo espaço nesse momento. "Com alguns eu havia feito sexo na cama ou contra uma parede, com alguns eu apenas dormi, como minha avó. Eu costumava deitar em sua cama e segurar sua mão. Nós geralmente ouvíamos ao rádio juntas até cair no sono. Não se faz isso com alguém que você não ama ou não se importa" (EMIN, 2006).



Everyone I have ever slept with. Tracey Emin. 1963-1995.

Acredito que a melhor forma dessa partilha acontecer é, de fato, quando há algum sentimento carinhoso. Mas admito que me interessa ter essa vivência em outros tipos de relação, simplesmente para ver as formas como isto pode se dar, o que me remete ao trabalho de Sophie Calle, "Les Dormeurs" (1979), onde ela convida amigos, desconhecidos e vizinhos a se deitar com ela por algumas horas, a fim de manter sua cama ocupada 24 horas por dia. Aceitando passar este tempo dividindo o espaço de uma cama com Sophie, o convidado aceitava também ser fotografado. Ela expõe, então, as fotografias e breves textos com suas observações sobre a experiência.

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

ISSN 2238-0272

Conclusão

Todo clichê é justificado. Nesse imaginário do que é a fotografia de intimidade, criado a partir de tantos artistas que vem trabalhando esse tema e das próprias fotografias que carregamos em nosso acervo pessoal, não é diferente. É comum associar certas imagens a ambientes onde há vínculos e relações de confiança não só porque, para muitas pessoas, é nesses espaços que essas situações se dão, mas também pela vulnerabilidade que se assume diante do outro. E essa vulnerabilidade torna tudo maior. Dos carinhos às agressões, tudo é vivenciado em outra intensidade. Mas é possível chegar a cenários muito semelhantes através de percursos muito distintos. No fim das contas, a imagem não conta nenhuma verdade.

Sempre me parece que não se falou o suficiente sobre o íntimo. Ouço muitos comentários como "ninguém é obrigado a ver isto", inspirados seja por um beijo demasiadamente lascivo ou por flatulência. Em geral, não se ouve muita explicação para o incômodo além de "este não é o espaço para esse tipo de coisa", o que torna perceptível um bloqueio para tratar destas imposições do que deve ser aquilo que pertence ao espaço privado.

Esta investigação não está concluída, e talvez nunca esteja. Considero este o início de um trabalho que levarei adiante, sobre um íntimo que deve ser o que me cabe e me pertence.

Onde encontrar as coisas que eu citei

- O pornô que eu mencionei em "Do que apareceu no caminho" está disponível no link http://www.pornhub.com/view_video.php?viewkey=ph5784420d9ed61, ou pelo menos estava até o dia 31 de agosto de 2016.

- Em "Trânsitos entre público e privado" eu menciono François Soulages, em específico algo que ele traz no livro "Estética da Fotografia – Perda e Permanência", iniciando o assunto por volta da página 26, se você estiver lendo a edição da Senac de 2010.

- Você pode conhecer o trabalho de Larry Sultan neste link: http://larrysultan.com/

- O do Larry Clark, você pode conferir aqui: http://larryclark.com/

- E o da Tracey Emin, aqui: http://www.traceyeminstudio.com/

- A frase que eu citei da Tracey sobre o trabalho "Everyone I have ever slept with" foi dita em uma entrevista ao jornal The Sunday Herald com Barry Didcock em 30 de abril de 2006.

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016